

QUEM É O CLIENTE?: CRIANDO O CENÁRIO PARA A TERAPIA COLABORATIVA COM CRIANÇAS E SUAS FAMÍLIAS

WHO IS THE CLIENT?: SETTING THE STAGE FOR COLLABORATIVE THERAPY WITH CHILDREN AND THEIR FAMILIES

Tradução: Angélica Cruz Sampaio

RESUMO: Este artigo discute o processo de criação de um cenário para o trabalho colaborativo com crianças e suas famílias e aborda a seguinte questão: Quem é o cliente? Trata-se de uma apresentação teórica dos princípios básicos da clínica colaborativa seguida de um exemplo com comentários e reflexões que visam ilustrar como estas ideias são colocadas em prática.

PALAVRAS-CHAVE: clínica colaborativa, terapia infantil, terapia familiar.

ABSTRACT: This article talks about the process of setting the stage in working collaboratively with children and their families and addresses the question: Who is the client? A theoretical presentation of the main principles of collaborative practices is followed by a case vignette with comments and reflections as an example of how these ideas are put into practice. The article addresses the dilemmas practitioners face when working with children and families.

KEYWORDS: collaborative practices, child therapy, family therapy

SYLVIA LONDON, M.A., LMFT

*Membro e docente do Grupo Campos Eliseos da Cidade do México, ela é docente do Houston Galveston Institute, associada do Taos Institute e membro do conselho do ICCP. Grupo Campos Eliseos, México**
E-mail: sylvialondon@yahoo.com

QUEM É O CLIENTE?: RUMO À TERAPIA COLABORATIVA PARA CRIANÇAS E SUAS FAMÍLIAS

Como é possível que profissionais gerem conversas e relacionamentos que levem todos os participantes a exercer sua criatividade e abrir possibilidades quando nada disso parece ainda existir? Esta é a pergunta central do livro *Conversação, linguagem e possibilidades* escrito por Harlene Anderson em 1997. O livro traz uma valiosa compilação das ideias que fundamentam o trabalho que ela já realizava há vinte anos com Harry Goolishian e demais colegas no Houston Galveston Institute, bem como em outras partes do mundo. As ideias construcionistas (Gergen, 1990), as práticas colaborativo-dialógicas (Anderson, 1997) e os processos reflexivos (Andersen, 1995) pautam meu trabalho de terapeuta e consultora já há muitos anos e servem de alicerce na construção dos relacionamentos que procuro estabelecer na vida pessoal e no trabalho. São estas ideias que formam as relações terapêuticas que mantenho com os clientes, nas quais procuro a singularidade de cada situação por meio das mais variadas perspectivas e do convite à participação do maior número possível de vozes. O grande número de pessoas envolvidas quando se trabalha com crianças e suas famílias e sua decorrente complexidade levou-me a formular a pergunta: “Quem é o cliente?”

Recebido em: 13/04/2015
Aprovado em: 02/06/2015

* O Grupo Campos Eliseos (GCE) é um instituto independente da Cidade do México, afiliado ao Houston Galveston Institute e ao Taos Institute. O GCE oferece treinamento e consultoria em clínicas colaborativas-dialógicas, terapias construtivas e psicologia positiva. O GCE é membro da rede ICCP. www.grupocamposeliseos.com

A meu ver esta é a pergunta mais importante para que se possa organizar as conversas que giram em torno das questões fundamentais levantadas por Tom Andersen (2007): com quem se conversa, quando, onde e sobre o quê?

QUEM É O CLIENTE?

Esta é uma pergunta tão simples quanto fundamental para o nosso trabalho com crianças e todos aqueles que procuram terapia por sugestão de uma terceira pessoa. Normalmente são os adultos com quem as crianças convivem (pais, professores, médicos ou assistentes sociais) que sugerem a terapia, mas ela também pode vir através de mandado judicial ou do sistema educacional. A pergunta “Quem é o cliente?” engloba outras do tipo, como “O que os adultos ou instituições que requerem estes serviços precisam ou buscam? O que é relevante para eles neste processo? E acima de tudo, como podemos avaliar a relevância do processo terapêutico?”.

Tenho trabalhado com crianças em terapia em variados contextos e países há mais de vinte anos e cada vez que me deparo com uma família são sempre estas as perguntas subjacentes. Gostaria de apresentar as ideias que pautam o meu trabalho, meu viés pessoal, no que se refere ao meu relacionamento com crianças e famílias. Para tanto iniciarei com a apresentação das premissas filosóficas básicas e dos sete princípios que orientam meu trabalho como terapeuta (Anderson, 1997, 2007, 2012), em seguida, acrescentarei informações básicas referentes a um primeiro encontro com uma família fictícia em busca de serviços de aconselhamento. Vou me utilizar deste exemplo e adicionarei comentários que possam ilustrar como as ideias se relacionam à prática e à questão: Quem é o cliente?

PRINCÍPIOS DA TERAPIA COLABORATIVA

Cliente e terapeuta como parceiros conversacionais: O terapeuta colaborativo e o cliente tornam-se parceiros à medida que se engajam em conversas dialógicas e relacionamentos colaborativos. Conversa dialógica e relação colaborativa são um processo de duas mãos: trata-se de uma atividade e uma interligação alternada, recíproca e engajada, em que se conversa um com o outro e não para o outro. O convite para tal parceria requer que a história do paciente esteja no centro, que o terapeuta aprenda constantemente e que ouça e procure entender o cliente por meio da perspectiva e da linguagem deste.

O Cliente como Especialista: o terapeuta colaborativo vê seu cliente como um especialista no que se refere à sua própria vida, e, assim sendo, como professor do terapeuta. O terapeuta colaborativo respeita a história do cliente e a leva a sério. Ele aprecia, respeita e valoriza todas as vozes e suas realidades. A multiplicidade de vozes e realidades tornam-se assim uma riqueza de diferenças com infinitas possibilidades inerentes.

Não-Saber: O terapeuta colaborativo é um terapeuta do não-saber. Isto se refere à sua maneira de entender conhecimento e especialização. Ele não acredita que tem um conhecimento superior, tampouco o monopólio da verdade. Ele coloca o que sabe ou pensa saber à disposição do cliente, mas nunca de forma taxativa. Em outras palavras, ele oferece sua voz, seus conhecimentos, comentários, opiniões e sugestões apenas de forma a instigar o diálogo e a reflexão. Ele mantém-se pronto e disposto a ter seu saber questionado, ignorado e modificado (até mesmo no que tange a valores e tendências profissionais e pessoais).

Ser Público: Do ponto de vista colaborativo, o terapeuta está sempre

aberto a tornar visíveis seus pensamentos invisíveis. Por exemplo, se o terapeuta tem uma ideia ou uma opinião, esta é compartilhada com o cliente de forma a instigar o pensamento e o diálogo. Não se trata de se o terapeuta pode ou não afirmar ou perguntar algo e sim da maneira, da atitude e da escolha do melhor momento para fazê-lo.

Transformação mútua: O terapeuta não é considerado um agente transformador especializado, ou seja, ele não transforma o outro. Pelo contrário, sua especialidade é a de propiciar o ambiente e agilizar o processo em que a conversação dialógica e os relacionamentos colaborativos se dão. No decorrer deste processo, tanto o cliente quanto o terapeuta são formados, re-formados – transformados.

Incerteza: Ser um terapeuta colaborativo instiga e acarreta incertezas. Ao acompanhar o cliente lado a lado, a novidade (por exemplo, soluções, resoluções e resultados) emerge da própria conversa; é criada mutuamente e sob medida exclusivamente para os envolvidos. Como esta transformação se dá e como se caracteriza varia de caso a caso, de cliente para cliente, de terapeuta para terapeuta e de situação para situação. Em outras palavras, em se tratando de uma conversa dialógica e um relacionamento colaborativo não é possível prever como uma história se desenrolará, nem seu desenlace.

O cotidiano: De uma perspectiva colaborativa pós-moderna, a terapia torna-se menos hierárquica e dualista. Aproxima-se assim mais das conversas comuns do dia a dia as quais a maioria de nós prefere. Isto não equivale a um bate papo sem rumo, ou a uma amizade. As conversas e os relacionamentos terapêuticos se dão em um contexto particular e têm uma finalidade: o cliente busca ajuda e o terapeuta busca ajudá-lo. Os problemas dos clientes não são categorizados como desafiadores nem difíceis. Cada cliente é

apenas visto como quem se depara com um dilema da vida cotidiana.

UM EXEMPLO*

Contato Inicial

Recebi um e-mail da Anna me solicitando terapia. Disse-me que soube de mim e obteve meu número por meio da professora de seu filho Joey (7). Ela está preocupada com ele e não sabe como lidar com seu comportamento. Desde o nascimento de sua filha mais nova, ele ficou muito agressivo e ciumento. Uma vez que sua irmã rouba a atenção de seus pais e avós, Joey tem feito birra e recusa-se a ir para a escola, alegando que ninguém gosta dele e que não tem amigos. Depois de ler o e-mail, liguei para Anna: ela contou-me que ela e o marido não concordam sobre o que devem fazer com relação a Joey. Ela acredita que este precisa de mais apoio em casa e mais atenção na escola, já seu marido, Jack, acha que Joey precisa se adaptar a nova situação e que ele há de superar tudo. Para tanto precisaria haver mais limites e disciplina. Esta discordância estaria gerando muitas brigas de casal e ela vem sofrendo com fortes dores de cabeça.

Após esta primeira conversa, surgiu uma série de perguntas que eu gostaria de fazer a Anna e sua família. Dependendo da sua relevância, estas perguntas e curiosidades poderiam ou não fazer parte da conversa.

QUEM FALA COM QUEM, QUANDO, ONDE E SOBRE O QUÊ?

A conversa telefônica

Na primeira conversa telefônica, ponderamos sobre quem deveria estar

* Para ilustrar um relacionamento colaborativo, vou utilizar um exemplo fictício.

presente no primeiro encontro e por quê. À medida que Anna falava, ela demonstrava uma série de problemas com os quais estava se debatendo, alguns dos quais referiam-se ao seu marido, outros à sua mãe e a maioria ao seu filho Joey e sua escola. Como terapeuta, não sei dizer qual dos assuntos seria o mais importante para a cliente escolher como o tema de nosso primeiro encontro; é importante para mim que ela tenha liberdade de escolher quem quer convidar para este. Como terapeuta colaborativa, compartilho meu próprio viés e minhas preferências com Anna e digo-lhe que quando os pais buscam ajuda para os filhos, prefiro convidar os adultos em questão para o primeiro encontro. Dessa maneira, pode-se discutir abertamente as preocupações e frustrações em questão sem que os pais se preocupem sobre o que deve ou não ser dito na frente da criança. Também me preocupa a possibilidade de que um primeiro encontro na frente da criança torne-se um lugar para reclamações e acusações sobre ela, ou discussões entre os pais sobre quem seria o culpado, ou ainda uma competição entre possíveis explicações para o problema. Seria uma situação constrangedora visto que, como profissional, eu me sentiria obrigada a proteger a criança de ouvir tais informações.

Um encontro entre adultos permite que pais e terapeuta formem uma equipe para trabalhar conjuntamente e pensar sobre as ideias que estes fazem da criança. Na primeira sessão, os pais levantam questões sobre o terapeuta, seu estilo de trabalho e experiência e decidem se ele é adequado para a família e para o problema em questão. Não parto do pressuposto que a família precise de terapia, nem que a terapia seja a melhor forma de lidar com problema em questão e nem mesmo

que eu seja a terapeuta mais indicada para esta família.

Perguntas Preliminares

Para possibilitar que o leitor vislumbre uma conversa possível entre Anna e uma terapeuta colaborativa, apresentarei uma conversa fictícia. Cabe lembrar que esta é apenas uma entre várias conversas que poderiam ter se realizado entre nós duas. Anna não tinha certeza sobre se viria sozinha à sessão ou se o pai de Joey a acompanharia. De minha parte, estou pronta a receber quem quer que compareça e tenho a confiança de que ela e sua família sabem o que é melhor.

Anna entra sozinha. Depois de cumprimentá-la procuro deixá-la a vontade neste primeiro encontro. Poderia dizer-lhe:

T – *Em nossa conversa telefônica, tive a impressão de que você estava preocupada com uma série de problemas, mas não sabia qual seria a melhor forma de começar a conversar sobre eles. E você decidiu vir sozinha para a sessão. Poderia me dizer como chegou a tal decisão?*

A – *Depois de nossa conversa, achei que deveria esclarecer algumas coisas para mim mesma antes de convidar meu marido, que não estava nem desejoso, nem feliz com a ideia de vir. Achei que seria mais fácil vir sozinha.*

E eu poderia perguntar a ela:

T – *O que você acha que seria importante que eu soubesse sobre a sua família de forma que eu possa ajudá-la a refletir sobre sua situação?*

Como terapeuta colaborativa, vejo-me como uma visita na vida do meu cliente. O cliente é quem decide o que é importante compartilhar na sessão. Por outro lado, ele é uma visita em

meu consultório e cabe a mim como terapeuta gerar um ambiente onde ele se sinta seguro e livre para expor o que lhe parecer importante. Vejo meu papel como o de um profissional que possibilita conversas e relacionamentos que convidem todos os participantes (clientes e terapeuta) a acessar sua criatividade e desenvolver suas potencialidades mesmo quando até então estas pareciam não existir.

Anna disse que tinha perguntas específicas sobre terapia e sobre o quanto esta poderia ajudar em situações como a dela. Ela estava preocupada com Joey e conversava sobre ele com sua mãe que, por sua vez, concordava com ela. Por outro lado, ela pensava que seu marido parecia não se preocupar tanto com Joey quanto ela. Além disso, andava sofrendo de fortes dores de cabeça. Ela queria descobrir por si só qual seria a melhor opção antes de convidar seu marido. Ela não sabia o que fazer com Joey nem se ele precisava de terapia ou se tudo era apenas uma questão passageira, um momento de reajuste com a chegada de uma irmã mais nova depois de ter sido filho único e ter tido toda a atenção dos pais por seis anos.

Neste momento da conversa não sabia aonde Anna queria chegar, nem como ela queria usufruir do tempo que tinha. Nós estávamos conversando sobre três assuntos e perguntei:

T – Até agora você me falou sobre sua preocupação com Joey, seus papéis e suas diferenças como pais e sobre suas dores de cabeça. Qual destes temas gostaria de abordar?

Seguindo as premissas filosóficas colaborativas não tenho como saber o que o cliente acha importante conversar e por isso pergunto, quero saber se a sessão está sendo usada da forma como o cliente quer.

Anna me diz que está confusa e que os três assuntos parecem-lhe estar relacionados. Ela não sabe como prosseguir: está preocupada com Joey, mas também emperrada em suas conversas com Jack a respeito de qual seria a melhor forma de criar Joey agora que têm uma filha mais nova e que ele está entrando na primeira série.

Ela não tem certeza se Joey tem um problema ou se o problema está nas diferenças com as quais ela e seu marido estão se deparando. Às vezes parece-lhe que Joey fica tão bravo que poderia até machucar sua irmã. Outras vezes parece-lhe que ela mesma está exagerando e que tudo o que precisam como pais é de firmeza, compreensão e do estabelecimento de limites, mas ela não tem certeza de como isto deve ser feito. Ela acha que Jack poderia ser rígido demais e teme que ele possa ferir os sentimentos de Joey.

Acrescentar novas vozes

Achei a descrição de Anna um tanto confusa, queria saber mais sobre a posição de Jack e Joey, e então perguntei:

T – Você mencionou algumas diferenças entre você e Jack, será que daria para me dizer como Jack descreveria a situação?

Anna acha que Jack diria que ela está exagerando e que não há nada de errado com Joey. Ele está agindo como um típico irmão mais velho que foi sempre muito mimado e que agora precisa aprender a dividir a atenção e assim ajustar-se à nova situação. Ele acrescentaria que Joey precisa de limites e que nós temos medo de impô-los. Diria que não é necessário perder tempo com terapia para discutir aquilo que se resolverá com o tempo à medida que fizermos a transição de uma família de um filho único para uma de dois.

No que se refere a Joey, ele diria que é preciso que haja consequências coerentes que gerem novos comportamentos. Talvez também acrescentasse que o meu medo e a decorrente superproteção apenas complicam as coisas. Tudo isso gera diferentes opiniões e brigas constantes já que não conseguimos concordar.

T – Anna, quando você se ouve falando a partir da perspectiva de Jack, o que escuta?

A – Ouço a clareza que eu mesma não consigo ter e que me custa reconhecer, entretanto, temo que se formos demasiadamente rigorosos com Joey ele se ressentirá e se afastará de nós, ou ficará com mais medo e fará mais birra ainda. Isto é, pode ser que Jack esteja certo e tenha boas intenções quanto à criação de Joey, mas eu tenho receios e não sei o que fazer neste tipo de situação.

A descrição de Anna deixa-me curiosa por saber mais sobre o relacionamento e as interações entre Anna e Jack quando se trata de disciplinar Joey.

T – Anna, o que você diz a Jack?

A – Normalmente procuro impedir que ele estabeleça os limites, pois receio que ele seja duro demais com Joey.

T – E o que acontece com Jack quando você faz isto?

A – Ele fica muito aborrecido e nós começamos a brigar em vez de conversarmos sobre as nossas diferenças.

T – E Joey?

A – Ele vai pro quarto dele e começa a chorar, odeia quando brigamos, às vezes, quando isto acontece, ele acaba não querendo ir para a escola no dia seguinte.

T – Eu acho que seria uma boa ideia convidar Jack para juntar-se a nós nesta conversa, isto poderia nos ajudar a produzir uma conversa diferente e, neste momento, isto seria mais proveitoso do que trazer o próprio Joey para a terapia.

Durante a conversa, Anna pensa sobre o tipo de conversa que seria mais proveitoso para ela e juntas consideramos o próximo passo.

T – O que faz você pensar que convidar Jack para uma conversa seria útil?

A – O tipo de pergunta que você me fez hoje me ajudou a refletir sobre as nossas diferenças. Percebi que apenas brigo sobre nossas diferenças em vez de discuti-las, talvez seja isto o que nós precisamos fazer. Eu também percebi que as nossas brigas podem estar relacionadas com a dificuldade de Joey em ir para a escola.

T – Você acha que poderia ter esta conversa na sua casa?

A – Não tenho certeza disso, pois receio voltar a culpá-lo por ser rígido demais.

T – Você acha que ele aceitaria um convite para vir a uma sessão de terapia? Como você o convidaria?

A – Jack sabe que eu viria aqui hoje para encontrá-la. Ele não quis vir mas não achou ruim que eu viesse. Eu posso dizer a ele como foi a sessão e que acharia bom se viéssemos juntos. Acho que seria realmente muito importante conversarmos sobre os nossos diferentes modos de encarar a criação do Joey.

T – Então o próximo passo seria convidar Jack?

A – Sim

T – E Joey?

A – Bom, quando eu liguei para você achava que Joey precisava de terapia mas, neste momento, mesmo que Joey continue precisando dela, acho mais importante poder conversar com Jack sobre nossos estilos e sobre a transição pela qual nossa família está passando.

T – Enquanto conversávamos, fiquei me perguntando se há ainda outras pessoas importantes para a sua vida familiar com as quais você conversa sobre este assunto e com as quais você quisesse conversar ainda hoje. Você já mencio-

nou sua mãe, e eu estava pensando na professora do Joey, seu pediatra, assim como em seus amigos e demais membros da sua família que tenham algo a ver com esta conversa. Você gostaria de dizer algo a despeito agora?

A – Eu já conversei com a professora do Joey e, como você já sabe, foi ela quem me deu seu nome e sugeriu o contato. Ela parece estar preocupada, mas, ao mesmo tempo, tem a impressão de que ele pouco a pouco já está se adaptando à nova realidade. Ela também me disse que ficaria de olho no Joey e que me avisaria caso ele se mostre mais frustrado ou bravo na escola. Ele me pediu para mantê-la informada e colocou-se à disposição para ajudar-nos sempre que fosse preciso. No caso da minha mãe, já durante a nossa conversa percebi que talvez ela se preocupe demais e, assim sendo, acho que uma conversa com ela não seria uma boa ideia. Ela protege muito Joey, pois ele é seu primeiro neto. Mesmo assim, ela ajuda muito, é muito afetuosa e pode ajudar muito Joey nesta transição. Também já conversei com alguns amigos, alguns dos quais estão passando por situações semelhantes e que, por isto, poderiam me apoiar, mas às vezes tenho a impressão de que eles não me escutam nem entendem bem a situação. Eu não falei sobre esta situação com o pediatra de Joey, mas acho que ele poderia ser uma pessoa interessante já que conhece Joey desde que ele nasceu.

Perguntar por outras pessoas da rede familiar do cliente pode ajudá-lo a perceber que existem mais recursos disponíveis e que, dessa forma, não precisam encarar a situação sozinhos. Perguntei por eles já que a própria Anna os havia mencionado por telefone e durante a sessão. Quis dar a ela neste primeiro encontro a maior quantidade de informação possível. Por outro lado, ao falar da rede familiar, pos-

so vislumbrar os recursos de que ela dispõe e um modo de incluí-los.

T – Há algo mais que você considere importante mencionar antes de interrompermos a sessão?

A – Agora não. Acho que já consegui falar sobre as questões que me preocupam e gostaria de continuar a conversa já com Jack.

T – Há algo que você gostaria de perguntar sobre mim?

A – Acho que não. Acho que já deu para ter uma ideia de como você trabalha. Eu prefiro voltar com Jack para que ele tenha uma chance de conhecê-la e fazer parte da conversa.

Anna saiu da sessão dizendo que me daria um retorno depois de conversar com Jack.

CONSIDERAÇÕES

Meu papel como terapeuta

Dentro da perspectiva colaborativa, cada sessão é vista como uma oportunidade para uma conversa transformadora. Não presumimos que o cliente voltará, quando voltará, nem qual será a meta ou o conteúdo da sessão seguinte caso ela seja marcada. Desse modo, cada sessão é concebida como uma única sessão. A frequência e os frequentadores são decididos conjuntamente com o cliente de uma sessão para a outra.

Alguns clientes marcam suas sessões uma vez por semana, já outros somente quando sentem que há necessidade de uma conversa. Por razões práticas, a duração de cada sessão tende a ser de uma hora terapêutica (50 minutos). De uma perspectiva pós-moderna, cada um fala de seus problemas ou dilemas de forma diferente. Alguns precisam de uma hora, outros, mais, já outros, menos.

Meu papel como terapeuta colaborativa é respeitar os desejos do cliente e mantê-lo no centro das atenções já que, no que se refere à sua própria vida, o especialista é ele. Sempre tomo o cuidado de manter-me próxima ao cliente e ajudá-lo a desvendar os possíveis significados ou contemplar as várias possibilidades. Minha postura de não-saber me mantém curiosa, criativa e humilde sobre o que sei ou penso saber em uma dada situação.

Esta abordagem permite que eu encontre o cliente no mesmo plano deste e assim gere uma conversa apropriada para ele independentemente de seu nível educacional ou socioeconômico, de sua habilidade linguística ou do grau de experiência com terapia.

Anna me telefonou alguns dias depois de nossa conversa para marcar uma segunda sessão e disse que Jack tinha concordado em vir com ela.

Possibilidades preliminares

Esta sessão e seu diálogo fictício ajudam-me a ilustrar as possíveis conversas que eu poderia ter com Anna dadas as questões que lhe interessam. De uma perspectiva colaborativa, procuro respeitar os assuntos escolhidos pelo cliente e abrir caminho para as minhas perguntas na tentativa de expressar minha curiosidade. Isto pode ajudar o cliente a ouvir sua própria história por outro ângulo. Neste caso particular, a conversa com Anna ajudou-a a entender os estilos de criação de Jack de outra maneira.

Esta nova compreensão gera a possibilidade de novas conversas. Por enquanto, a conversa em si girou em torno da ideia de convidar Jack a conversar sobre os diferentes estilos de

criação em vez de procurar uma terapia para Joey.

Partindo da postura do não-saber, não podemos presumir como a conversa se desenrolará, nem o que ela abordará. Só o tempo *nos* dirá quem é o cliente.

REFERÊNCIAS

- Andersen, T. (1987).** The reflecting team: dialogue and meta-dialogue in clinical work. *Family Process*, 26 (4) 415-428.
- Andersen, T. (2007).** Human Participating Human "Being" is the Step for Human Becoming in the Next Step. In H. Anderson, & D. Gehart. (Eds.) *Collaborative therapy: relationships and conversations that make a difference*. (81-93) New York: Routledge.
- Anderson, H. (2012).** Collaborative relationships and dialogical conversations: ideas for relationally responsive practice. *Family Process*, 51 (1) 1-17.
- Anderson, H. & Gehart, D. (2007).** *Collaborative therapy: relationships and conversations that make a difference*. New York: Routledge.
- Anderson, H. (1997).** *Conversation, language and possibilities: a postmodern approach to psychotherapy*. New York: Basic Books.
- Anderson, H. & Goolishian, H.A. (1988).** Human systems as linguistic systems: preliminary and evolving ideas about the implications for clinical theory. *Family Process*, 27(4): 371-393.
- Gergen, K. (1991).** *The saturated self: dilemmas of identity in contemporary life*. New York: Basic Books.
- www.harleneanderson.org
www.grupocamposeliseos.com
www.collaborative-practices.com
www.collaborativecertificate.org